



Revista Aspas
ppgac - USP

DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v10i.2p217-223


Forma Livre

CANTEIRO DE OBRAS

Priscilla Toscano

Priscilla Toscano

Performer, atriz, dançarina, arte educadora,
diretora do Desvio Coletivo e embucetada
no Teatro da PombaGira.



**UM CANTEIRO
UMA BIXA CONSTRUTORA
IMAGINE SER SEU MATERIAL**

**CANTEIRO ABERTO OVULANDO
IMPLORANDO PELA PENETRAÇÃO
DE FORMAS FÉRTEIS PULSANTES**

**ESSA PUTA, ESSA BIXA, ESSA VIADA,
ELA RODOPIA E QUER
SER CENA, SER MULHER,
SER COMPOSIÇÃO POÉTICA,
SER PAU, SER PERFORMANCE,
SER PULSO**

**ELE É O BOY QUE BATE NESSE TERRENO
É MESTRE EM FECUNDAR ESSES BURACOS
SER SEU SÊMEN
É TRANSFORMAR-SE EM POTÊNCIA
QUANDO ELE GOZA**

**O RESTO É PROSA ACADÊMICA
E ELE ME FEZ POESIA**

Priscilla Toscano é performer, atriz, dançarina, arte educadora, diretora do Desvio Coletivo e embucetada no Teatro da PombaGira.

ATENÇÃO:

O TEXTO A SEGUIR CONTEM POESIA, NARRATIVA EM PRIMEIRA PESSOA, MEMÓRIAS ÍNTIMAS, DEPOIMENTOS, NENHUMA REFERÊNCIA EM AUTORIDADES INTELLECTUAIS, CONHECIMENTO CONSTRUÍDO PELA EXPERIÊNCIA, E EROS.

Nos encontros de trabalho com Marcelo Denny ele sempre dizia que eu era seu “canteiro de obras”. Em 2018 fui aprovada para realizar o mestrado no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas na ECA/USP e ele era meu orientador. Tínhamos planos bastante ousados para nossa pesquisa e por isso Denny gostava de se referir a ela como seu “canteiro de obras”. Isso porque ele tinha desejo em propor formas não convencionais de se fazer e orientar pesquisas. Porque o Marcelo Denny que eu conheci estava bem cansado das caretices. E romper com as caretices era o que fazia seu sangue circular nas veias. E romper com as caretices era algo que nos conectava em uma amizade de uma década. Para além das parcerias em diversos trabalhos, performances e viagens, estávamos sempre juntos em festas de aniversário, carnavais, anos novos e em finais de semana em um rolezinho qualquer.

Denny tinha a característica nata de um performer: querer subverter. Nas chances mínimas ele salpicava a pólvora da subversão. Uma de suas falas que eu mais amava era “a arte contemporânea vive na constante busca da transcendência, mas nem toda arte contemporânea consegue subverter, pois a subversão a coloca no próprio risco de deixar de ser arte”. E era nisso que a gente surfava e delirava: correr riscos, subverter, perturbar. E era nesse lugar que pensávamos nossa pesquisa de mestrado. Denny não separava ou pelo menos não queria separar a vida artística da vida acadêmica, porque de fato não enxergava essa cisão. Sua prática era sua teoria, sua teoria sua prática e a experiência pesquisa viva. Como potência imagética.

Se estamos aqui dedicando a ele homenagens, escrevendo, criando, performando incessantemente, preparando materiais e rompendo com caretices é porque esse cara nos deixou aqui no mais alto grau performático, com mil **PROVOCAÇÕES**, e disritmias artísticas subversivas. Estamos tratando de uma das mentes mais brilhantes que o campo da performance, da cenografia e da direção de arte assistiu gozar. Seus olhos enxergavam visualidades fascinantes. Sempre que podia, Denny fugia do verbo e construía imagens banhadas em potência estética. Era dono de um conhecimento invejável. Dominava materiais e infinitas formas de plasticidade. Era um acervo ambulante de referencias.

Temperava todo esse conhecimento com as mais **VIOLentas** e maravilhosas citações filosóficas. E não poupava delicadeza para tanto. **PORÇÕES DE AFETO** com tudo e com todes.

E como ele mesmo se auto referia:

“NÃO ESTOU AQUI PARA SER UM BROCHA ACADÊMICO”.

E ele não era. Era um artista desses que sobra e transborda. E eu estou certa de que esse conjunto de qualidades fazia de Denny um gênio simplesmente pelo fato de que nada disso estava desconectado do seu desejo em PERTURBAR.

LIUVROS E BOYS

SE POR ACASO MORRER DO CORAÇÃO É SINAL QUE AMEI DEMAIS

RITA LEE

Sou uma dessas pessoas que teve a sorte de ter Marcelo Denny sempre por perto. Seja com o Teatro da PombaGira, com o Desvio Coletivo ou em tantos outros projetos, foi uma grande sorte trabalhar com ele. E também tive a sorte de ser sua amiga. Ser amiga íntima do Denny significava trocar nudes dos boys que pegávamos e como Denny era “a favor da p.e.g.a.ç.ã.o” nosso histórico de conversas do whatsapp era uma delícia - Denny só pegava boy magia. As melhores memórias que tenho com ele são de nossas viagens pelo Brasil quando fizemos o Palco Giratório - SESC em 2014, e ao longo da última década para várias cidades fora do país. Existem duas singularidades que eram sempre muito presentes em nosso tempo livre:

1ª depois de um dia cansativo de produzir e perforder-se, o que fazíamos era visitar livrarias. Quantas e quantas livrarias percorri com Denny nesse mundão. Cada visita a uma livraria com Denny era uma aula. A que ele mais amava é a livraria que fica no Centro Pompidou. Mesmo quando eu estava lá sem ele, fazíamos ligação de vídeo para que eu mostrasse as prateleiras com livros de performance e afins que eu havia encontrado. Tudo que comprava pra mim, comprava para o Denny. Agora esses livros estão no gigantesco acervo do Denny na ECA.

2ª em todas as nossas viagens havia o momento “boy”. Denny vibrava sempre que voltávamos para o hotel com um “crush”. Era impossível não vadiar com Denny. Nós dois juntos éramos especialistas. E pegamos geral. Leram? PEGAMOS GERAL. E ele sempre com o boy mais gostosinho do rolê. Ele encantava aonde quer que chegasse. O menino das tatuagens coloridas, barba sexy, cabelo impecável, camisa descolada e um copo de cuba libre nas mãos. Arrasou corações. A diversão continuava no dia seguinte quando no café da manhã narrávamos nossas aventuras. A cereja do bolo era mostrar a cueca roubada do boy - uma brincadeira inventada por Denny que praticamos nos nossos melhores momentos - hoje o artista Marcelo D’Avilla cuida do acervo dessas cuecas. O projeto de Denny era fazer um grande patchwork com elas.



**TEM QUE TER
MUITA CORAGEM
PARA SER
MARCELO DENNY**



FOI O MARCELO D'AVILLA QUE ME ACORDOU COM UM PÉSSIMO TELEFONEMA NA MANHÃ DO DIA 31 DE AGOSTO DE 2020. COM AR CONFUSO E ANGUSTIADO DISSE QUE DENNY ESTAVA EM UMA AMBULÂNCIA SENDO LEVADO PARA A SANTA CASA DE MISERICÓRDIA. EU ESTAVA SONOLENTA TINHA DORMIDO POUCO POIS, JUSTAMENTE NA NOITE ANTERIOR, ESTAVA ESCRREVENDO UM TEXTO PARA O MESTRADO INSPIRADA EM UMA DAS ÚLTIMAS REUNIÕES DE ORIENTAÇÃO QUE TIVEMOS POR TELEFONE (NÃO ESTÁVAMOS NOS ENCONTRANDO PRESENCIALMENTE POR CONTA DA PANDEMIA). SALTEI DA CAMA E EM MENOS DE 10 MINUTOS ESTAVA A CAMINHO DO HOSPITAL. COMO MORO MUITO PERTO, FUI A PRIMEIRA A CHEGAR E BUSCAR POR INFORMAÇÕES. NÃO PUDE ENTRAR NA ALA EM QUE DENNY ESTAVA SENDO ATENDIDO POIS HAVIA COM ELE A DONA CARMEM, A VIZINHA QUE O SOCORREU QUANDO ELE GRITOU POR AJUDA. SENTEI-ME E FIQUEI ESPERANDO POR NOTÍCIAS. AVISEI AOS AMIGOS MAIS PRÓXIMOS. ENTÃO CHEGOU DENISE FUJIMOTO, A COMPANHEIRA NÚMERO UM DE DENNY. QUE INFINITA ESPERA. NÃO TENHO COSTUME DE REZAR E DENNY ODIARIA QUE EU REZASSE ENTÃO NÃO REZEI. MAS MINHA CABEÇA SÓ PENSAVA NA VIDA, NA VIDA QUE VIVEMOS, NO QUE FIZEMOS JUNTOS E EM TUDO QUE AINDA TÍNHAMOS A FAZER. PENSEI NO TEXTO QUE HAVIA ESCRITO NA NOITE ANTERIOR E QUE TÍNHAMOS COMBINADO DE LER JUNTOS EM UM PASSEIO PELO MINHOCÃO. SENTADA EM UMA ESCADA OLHANDO PARA A ENTRADA DO PRONTO ATENDIMENTO LEMBREI DA VIAGEM QUE FIZEMOS A TÓQUIO EM 2017, QUANDO DENNY ME INTIMOU A ESCREVER UM PROJETO DE MESTRADO. EU TINHA CERTEZA DE QUE IRIA VÊ-LO EM BREVE. ESTAVA ANSIOSA ESPERANDO DONA CARMEM APARECER PELA PORTA DIZENDO QUE PODERÍAMOS ENTRAR. PREPAREI UM DISCURSO NA MINHA CABEÇA. UMA MINI BRONCA QUE DARIA NELE AO ENTRAR NO LEITO ONDE ESTARIA REPOUSANDO DO SUSTO. DONA CARMEM SAIU, VEIO ATÉ MIM E DENISE. NAQUELA MANHÃ RECEBEMOS A PIOR NOTÍCIA POSSÍVEL.

De todas as cidades que conheci com Denny, **TÓQUIO** foi a cidade onde mais o vi com os olhos brilhando. Conhecer a capital do Japão era um grande sonho dele. Andamos muito pelas ruas e em uma dessas andanças, falando sobre as perseguições que sofri quando caguei na foto do Bolsonaro em 2016 com a performance Máfia do Desvio Coletivo, entramos no assunto sobre tentativa de criminalização de performances, pois no período que fizemos essa viagem eu respondia a duas denúncias que estavam sendo investigadas pela polícia civil. Andando pela Omotesando (rua conhecida como a Champs Elysées de Tóquio e que Denny pirava), começamos a lembrar de nomes de algumas outras performers mulheres que também foram perseguidas, inclusive criminalmente, por suas performances. E como todas as nossas conversas sempre convergiam para a vontade “acabar com toda essa caretice” nas artes, na academia, no sexo e/ou na vida, sempre pensávamos, portanto, em possíveis ações performativas. Acontece que nesse dia Denny disse “isso tem que ser um mestrado”. Eu fiz todo ensino fundamental e médio em escola pública. Quando entrei na universidade em 2005 para fazer artes cênicas no Instituto de Artes da UNESP me dei conta que a universidade pública, apesar de seu discurso em prol das diversidades, é um lugar elitista e está bem pouco atenta ao abismo educacional que se cultiva no Brasil. Me formei em 2008 e sai de lá sem nenhuma vontade de ir para a pós-graduação ou seguir carreira acadêmica. Mas essa conversa com Denny em Tóquio mudou tudo, porque Denny queria “um canteiro de obras”.



CONVERSAS COM DANNY E PRISCILLA

Se me propus a escrever uma pesquisa de mestrado é porque se trata da consequência de uma história que estava desenvolvendo com Denny. Acreditávamos nessa investigação como uma forma de resistência. Se o assunto era inédito ou não, pouco nos interessava. O que nos interessava era a forma. A forma como abordaríamos o assunto.

A visualidade que isso poderia ganhar. Sabíamos que se não existisse a Priscilla Toscano, que se não existisse o Marcelo Denny e que se não existisse a relação entre nós, não existiria aquela pesquisa. Um dos nossos principais objetivos era a própria investigação em si: a escolha de uma outra forma possível. E tínhamos muito claro que essa escolha partiu de um posicionamento político que elege a experiência como eixo principal. Não queríamos uma teoria que explica. Denny e eu falávamos o tempo todo em romper com a estrutura clássica acadêmica, com o modo hegemônico de produção acadêmica. Apostávamos no poder do discurso do artista. Acreditávamos que existem outras epistemologias nos artistas e que mais importante do que se construir pesquisa é construir conhecimento.

É por isso que Denny me indicou as disciplinas da Prof. Dra. Marília Velardi. Eu caí de cabeça nas aulas dela. Tenho um caderno com as notas dessa aula que Denny adorava. Em nossas conversas de orientação eu sempre levava esse caderno e Denny sempre dizia “temos que compartilhar isso com outras pessoas”. Ele estava sempre muito empolgado com essa possibilidade de construir conhecimento por outros métodos, sem os “gessos” que insistem em afirmar que para que o conhecimento seja científico, verdadeiro e validado ele precisa necessariamente seguir a lógica positiva da ciência. Uma lógica dominante de ciência que se sustenta através de dogmas. Em um de nossos encontros chegamos a listar esses dogmas para tê-los sempre “frescos” na mente para não correremos os riscos de cairmos neles (afinal são extremamente tentadores dentro da vida acadêmica, modelinhos que colocam na esteira de produção qualquer pesquisa). Trouxemos a Prof. Marília Velardi e a grande performer Bia Medeiros para a mesa da qualificação. Foi um escândalo!

A qualificação foi um momento no qual Denny e eu vibramos e passamos a nos engajar com ainda mais certezas em nossa proposta. Saímos de lá felizes com o caminho que escolhemos, dispostos a seguirmos com o que estávamos chamando de metodologia performativa, decididos a fazer da dissertação um guia performativo dentro de um livro objeto.



Sim um livro objeto, Denny sempre com a visualidade. Em nossa última orientação presencial combinamos de agendar uma visita à biblioteca da ECA para vermos as dissertações de mestrado/doutorado defendidas nas artes visuais para buscar referências de trabalhos que seguem essa proposta de serem objetos artísticos em si. Queríamos construir um livro objeto em formato de bolsa (por fora uma bolsa e por dentro uma vagina) dentro dele haveria um texto dividido em duas partes que seria todo construído em forma de ficção e no final, em uma pequena repartição da bolsa/vagina, estaria o pequeno guia de performance urbana para mulheres emputecidas. E por isso ele dizia “Priscilla, você é meu canteiro de obras, vamos arriscar e então se conseguirmos defender um mestrado nesse formato, vou passar a incentivar outras pesquisas nessa mesma linha”. E então veio a pandemia. Cancelamos a ida a biblioteca. E aí Denny morreu.

Estávamos em um momento ótimo do trabalho e seria extremamente doloroso ter que agora modificá-lo para ajustá-lo as limitações acadêmicas. É por isso que eu desisti do mestrado. Não apenas porque não acho justo que uma mudança nesse nível me seja solicitada, mas principalmente porque não acho ético alterar aquilo que Denny e eu construímos. Não se trata de não querer alterar as ideias de um professor/artista que abandonou o trabalho por uma licença ou perda do cargo. Trata-se de alterar um trabalho de alguém que faleceu de maneira abrupta. Não é fácil renunciar a um título de mestrado que leva o nome dessa universidade, principalmente porque trata-se de um local onde jamais pensei em pisar. Venho de uma família pobre, meu pai faleceu no início dos anos 90, vítima da AIDS, morreu em um hospital público sem ter chance a um tratamento. Minha mãe trabalhou a vida inteira como faxineira, babá, balconista, passadeira e ela nunca achou que suas filhas fariam uma faculdade, muito menos uma pública. Realizar um mestrado na USP era algo fora de minhas expectativas. Mas não fora das expectativas de Marcelo Denny. **Ele concordava que expor “detalhes pessoais” eram mais do que necessários pois entendia que minha pesquisa em performance é parte disso. Renunciei ao título de mestrado, mas não a pesquisa.**

Denny, só eu sei tudo o que vivemos e dissemos um para o outro. Você ajudou a construir essa performer que está aqui. Cada passo de aqui em diante tem você. Em cada cena, cada dança, cada performance, cada texto, cada objeto que eu construir, cada foco de luz que eu me posicionar para arrancar algo da buceta, você estará lá. Você se foi e me deixou aqui grávida dessa rebeldia.

ESTOU AQUI PARA SUBVERTER E DIZER NÃO SEMPRE QUE QUISEREM DIMINUIR O EROS DO MEU TRABALHO. OBRIGADA POR ME ENSINAR ISSO. SEU CANTEIRO DE OBRAS SEGUE AQUI, PRODUZINDO E PERTURBANDO. ESSA É A BATIDA DA SUA OBRA. ESSA É BATIDA DO SEU CORAÇÃO.